

ARTIGO

**CENAS DE ENUNCIÇÃO EM PRÁTICAS DISCURSIVAS INDÍGENAS:  
PROTESTO DO POVO GUARANI NA TRADIÇÃO PARKATÊJÊ**

*(Enunciation scenes in indigeous discursive practices: the protest of Guarani people  
into Parkatêjê tradition)*

*(Escenas de enunciación en prácticas discursivas indígenas: protesta de la gente  
Guaraní en la tradición Parkatêjê)*

Jaqueline de Andrade Reis <sup>1</sup>  
*(Universidade Federal do Pará)*

Tereza Tayná Coutinho Lopes <sup>2</sup>  
*(Universidade Federal do Pará)*

Fátima Cristina da Costa Pessoa <sup>3</sup>  
*(Universidade Federal do Pará)*

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira <sup>4</sup>  
*(Universidade Federal do Pará)*

Recebido em: janeiro de 2020

Aceito em: junho de 2020

DOI: 10.26512/les.v21i2.29347

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Mestre em Estudos Linguísticos pela UFPA. E-mail: jaqreis108@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA), Mestre em Estudos Linguísticos pela UFPA, bolsista da Fundação Amazônia Paraense de Amparo à Pesquisa (FAPESPA). E-mail: terezataynacl@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Associada do Instituto de Letras e Comunicação (ILC). Vinculada à Faculdade de Letras (FALE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. E-mail: fpessoa37@gmail.com.

<sup>4</sup> Professora Titular do Instituto de Letras e Comunicação (ILC). Vinculada à Faculdade de Letras (FALE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. E-mail: mariliaferreira1@gmail.com.

## RESUMO

*Este artigo objetiva refletir sobre a relação entre duas práticas discursivas em um contexto indígena: a cerimônia de encerramento do luto pelo antigo chefe Parkatêjê e o protesto do povo Guarani, realizado no interior da cerimônia tradicional. Analisamos a cena de enunciação constituída no protesto indígena, a partir do exame de sete cartazes. Como aporte teórico, utilizamos a Análise do Discurso francófona, mobilizando as noções de prática discursiva e cena enunciativa. Verificamos o entrelace das práticas discursivas e a interação das cenas englobante, genérica e cenografia em relação à cena de enunciação no ato de protesto dos índios Guarani.*

**Palavras-chave:** *Práticas discursivas. Cena de enunciação. Cartaz de protesto. Contexto indígena.*

## ABSTRACT

*This paper aims to reflect about the relation between two discursive practices in an indigenous context: the ending ceremony of mourning of the ancient Parkatêjê chief and the indigenous protest of Guarani people, which occurs into the traditional ceremony. It was analyzed the enunciation scene constituted in a indigenous protest parade through the investigation of seven posters. As theoretical board, it was used francophone Analysis of Discourse assumption, mobilizing the discursive practices notions and the utterance. It was verified the tangle within the discursive practices and the interaction of the encompassing scenes, generic and scenography in relation of utterance scene constituted in the protest act of Guarani indigenous people.*

**Keywords:** *Discursive practices. Utterance scene. Protest sign. Indigenous context.*

## RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre dos prácticas discursivas en un contexto indígena, en particular: la ceremonia de encerramiento del luto por el antiguo jefe Parkatêjê y la protesta indígena del pueblo Guarani, hecho en el interior de la ceremonia tradicional. Buscamos analizar la escena de enunciación constituída en la protesta indígena, a partir del examen de siete carteles. Como aportación teórica, utilizamos presupuestos de la Análisis del Discurso francófona, movilizandando las nociones de práctica discursiva y escena enunciativa. Verificamos el entrelazado de las prácticas discursivas analizadas y la interacción de las escenas englobante, genérica y de la escenografía en cuanto a la escena de enunciación en el acto de protesta de los indios Guarani.*

**Palabras clave:** *Prácticas discursivas. Escena de enunciación. Carteles de protesta. Contexto indígena.*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo está alinhado à perspectiva de estudo da Análise do Discurso Francesa que entende “por ‘discurso’ uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 15). Desse modo, a Análise do Discurso busca as regularidades e os mecanismos por meio dos quais são produzidos e interpretados os diferentes enunciados.

Além disso, a Análise do Discurso, conforme Fernandes (2008), não se focaliza no indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, mas sim importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórico e ideologicamente marcado.

Nesse sentido, os sujeitos discursivos materializam seus enunciados em diferentes práticas discursivas situadas sócio-historicamente. Com base nisso, este artigo busca, primeiramente, descrever e analisar duas práticas discursivas indígenas: uma de tradição cultural indígena e outra não tradicional inserida no acontecimento da primeira.

A primeira prática trata-se da cerimônia de encerramento do período de luto pelo falecimento do chefe tradicional Parkatêjê, Krôhôkrenhũm. Tal cerimônia foi realizada em outubro de 2017 na Aldeia Indígena Parkatêjê, situada às margens da BR-222, próxima ao município de Marabá, pertencente ao estado do Pará.

A segunda prática discursiva em foco neste estudo refere-se a um protesto realizado no interior da cerimônia de encerramento de luto referida acima. A manifestação foi realizada pelos índios Guarani, uma das diversas etnias que participaram da cerimônia Parkatêjê. Os índios da etnia Guarani podem ser encontrados em diversos países da América do Sul, tais como Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai.

A prática discursiva do protesto foi realizada por meio do desfile com cartazes contendo enunciados em favor de variadas demandas de interesse dos povos indígenas. Para dar tratamento a tais enunciados, nos valem do conceito de cena de enunciação proposto por Dominique Maingueneau, com o objetivo de tecer considerações acerca da cena englobante, cena genérica e cenografia envolvidas na prática de reivindicação por direitos.

Diante disso, este trabalho se justifica pela necessidade de pesquisas que possam contribuir para o fortalecimento de línguas e culturas de povos indígenas, uma vez que muitas estão em perigo de extinção. Mediante este cenário, ainda há muito o que se descobrir sobre tais povos. Portanto, a ampliação de pesquisas com línguas indígenas para diferentes áreas, entre as quais, a Análise do Discurso, é relevante, tendo em vista que existem poucos trabalhos realizados nessa perspectiva com os povos e as línguas indígenas do Brasil.

A estrutura deste artigo está disposta da seguinte forma: a primeira seção apresenta a fundamentação teórica utilizada para o desenvolvimento do presente trabalho. Em seguida, é delineado o percurso metodológico empregado na pesquisa; a terceira seção traz uma reflexão em torno das práticas discursivas da cerimônia de encerramento de luto Parkatêjê e protesto dos índios Guarani; a quarta seção apresenta a análise dos cartazes de protesto do povo Guarani; por fim, são feitas as considerações finais.

## 1. PRÁTICAS DISCURSIVAS E CENAS DE ENUNCIÇÃO: BASES TEÓRICAS

Como principal aporte teórico do presente artigo, utilizamos alguns conceitos discutidos por Maingueneau (1997; 2001; 2008a; 2008b; 2015), que nos ajudaram a refletir sobre questões referentes às práticas indígenas em foco neste estudo. Os dois conceitos fundamentais que serão mobilizados para o desenvolvimento deste artigo são práticas discursivas e cenas de enunciação. Conforme Maingueneau (1997), uma prática discursiva integra dois elementos articulados: por um lado uma formação discursiva e por outro uma comunidade discursiva.

Segundo Maingueneau (2008a, p. 20), a formação discursiva é “um sistema de restrições de boa formação semântica”. Fernandes (2008) explica que formação discursiva se refere ao que se pode dizer apenas em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas que são definidas historicamente. De acordo com Fernandes (2008, p. 48-49) “trata-se da possibilidade de explicar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica”

Já a comunidade discursiva seria, de acordo com Maingueneau (1997),

o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. A ‘comunidade discursiva’ não deve ser entendida de forma excessivamente restritiva: ela não remete unicamente aos grupos (instituições e relações entre agentes), mas também a tudo que estes grupos implicam no plano da organização material e modos de vida (MAINGUENEAU, 1997, p. 56).

A comunidade discursiva atua como uma mediadora, permitindo a legitimação para a tomada da palavra. A conexão das noções de formação e comunidade discursiva possibilita abordar as práticas discursivas em funcionamento, isto é, no exercício da linguagem.

No que diz respeito à ideia de cena de enunciação, Maingueneau (2015) aborda a unidade tópica fundamental que é o gênero do discurso em termos de cena de enunciação, evitando, desse modo, noções como “situação de enunciação”, de ordem estritamente linguística, ou “situação de comunicação” que pode ser utilizada em abordagens puramente sociológicas. Consoante o autor,

o termo ‘cena’ apresenta ainda a vantagem de poder referir ao mesmo tempo um quadro e um processo: ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças [...], e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço (MAINGUENEAU, 2015, p. 117, grifos do autor).

Dessa forma, para Maingueneau (2015), a cena de enunciação não é um bloco compacto, mas sim a interação de três cenas: a englobante, a genérica e a cenografia. Sobre tais cenas, Freitas

(2010, p. 179) afirma que “juntas, elas compõem um ‘quadro’ dinâmico que torna possível a enunciação de um determinado discurso”.

Para Maingueneau (2015), a chamada cena englobante corresponde à definição usual de “tipo de discurso” (empresarial, educacional, filosófico, religioso etc), que resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizada por uma rede de gêneros do discurso. A cena englobante está relacionada ao espaço e ao tempo, tendo em vista que ela surge da necessidade da sociedade de reconhecer em que lugar a cena de enunciação está inserida.

A cena genérica refere-se a uma realidade tangível e imediata para os usuários do discurso que são os gêneros do discurso. Dessa forma, as cenas genéricas funcionam como normas que suscitam expectativas específicas de cada gênero (MAINGUENEAU, 2015). Nesta cena, o domínio dos gêneros é importante para a realização da competência discursiva.

Conforme Maingueneau (2015), as normas constitutivas da cena genérica não bastam para dar conta da singularidade de um determinado texto. Para esse autor, enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia, e sim, construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação, isto é, uma cenografia. Sobre essa noção, Maingueneau afirma o seguinte:

Um romance, por exemplo, pode ser enunciado por meio de uma cenografia do diário íntimo, do relato de viagem, de uma conversa ao pé do fogo, de uma correspondência amorosa... A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso (MAINGUENEAU, 2015, p. 123).

São esses os postulados teóricos apresentados que darão sustentação às reflexões e análises feitas no decorrer deste artigo.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

No presente trabalho analisamos duas práticas discursivas ocorridas em contexto indígena: a cerimônia de encerramento de luto e a manifestação por direitos. Ambas as práticas foram realizadas na aldeia indígena Parkatêjê, localizada no km 30 da BR-222, às proximidades do município de Marabá-PA.

A cerimônia de encerramento de luto pelo chefe Parkatêjê Krôhökrenhũm ocorreu nos dias 18 e 19 de outubro de 2017 e reuniu diferentes sujeitos, entre eles: indígenas de diferentes etnias

(Krahô, Xikrin do Cateté, Sororó, Aikewara e Guarani) e não-indígenas (autoridades políticas locais, imprensa, pesquisadores, estudantes e visitantes).

O evento supramencionado favoreceu a realização de um protesto feito pelos índios Guarani. Este ato foi visto como uma prática discursiva não tradicional inserida no seio de uma prática tradicional que é a cerimônia de encerramento de luto indígena. Tal fato, gerou um estranhamento que julgamos ser relevante para a realização de uma reflexão acerca do distanciamento e relação entre essas duas práticas discursivas. Dessa forma, o objeto de investigação foi constituído no processo de participação em uma cerimônia tradicional indígena.

A constituição do *corpus* de análise contou com o registro da cerimônia de encerramento de luto, por meio de fotografias e imagens de vídeo. Dentro deste material houve o registro específico, na forma dos enunciados de manifestação a favor das causas indígenas.

A manifestação dos índios Guarani contou com o desfile de sete cartazes contendo enunciados diversos referentes à luta por questões indígenas, como educação, saúde, infraestrutura, fortalecimento da cultura indígena, demarcação de terras, união entre os povos e combate ao preconceito contra os grupos indígenas. Dessa forma, o recorte da pesquisa foi feito na enunciação realizada por meio dos referidos cartazes e da performance dos índios Guarani no ato de protesto.

As imagens registradas na manifestação foram tratadas em um programa de edição de imagens, dando ênfase apenas aos aspectos que gostaríamos de ressaltar neste artigo. Tal procedimento também tem como intuito preservar a identidade dos sujeitos em destaque nas imagens utilizadas.

Com base na observação dos enunciados e do caráter performativo do qual eles vêm acompanhados, buscamos descrever e analisar a constituição das práticas discursivas em foco neste estudo e da cena de enunciação envolvida no ato de protesto por direitos do povo Guarani, destacando a manifestação das cenas englobante, genérica e cenografia.

A seguir apresentamos de forma detalhada a descrição e análise das práticas discursivas e a cena de enunciação em foco neste trabalho.

### **3. PRÁTICAS DISCURSIVAS ENTRELAÇADAS: A CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO DE LUTO E O PROTESTO INDÍGENA**

A prática discursiva privilegiada na elaboração do presente artigo é uma manifestação realizada pelo povo Guarani, reivindicando por direitos dos povos indígenas. A referida prática ocorreu no interior de outra prática discursiva que consistiu na cerimônia de encerramento do período de luto pela morte do chefe tradicional Parkatêjê, *Toprãmre Krôhòkrenhũm Jôpaipaire*, falecido em outubro de 2016.

Na tradição Parkatêjê o luto pelos parentes falecidos exige que seja respeitado o resguardo no período de um ano. Neste ínterim, a lei Parkatêjê estabelece algumas mudanças em relação ao comportamento do povo em luto, tais como: não cantar, não cortar os cabelos, não se pintar com a pintura tradicional, não brincar, não fofocar, não brigar etc. Conforme o livro de memórias do chefe Krôhokrenhũm, no período do luto:

*a família ficava com saudade, não podia sair, não podia brigar, não podia abrir a boca, não podia rir. As mulheres não podiam ficar com ciúme do marido, pra não ter briga. Não podiam fuxicar, contar história do outro. Não podia fazer nada disso. Tinha que ficar quieto [...] (JÔPAIPAIRE, 2011, p. 113).*

Transcorrido o tempo de um ano de resguardo, o povo fica livre para retomar todas as suas atividades: *“quando já estava chegando o ano seguinte [...] aquele povo que estava de luto estava liberado pra poder cortar o cabelo, poder pintar o corpo e brincar mesmo novamente”* (JÔPAIPAIRE, 2011, p. 113).

Como forma de marcar o final do luto pelo chefe Krôhokrenhũm, maior líder do povo Parkatêjê, foi realizada na aldeia Parkatêjê uma cerimônia em comemoração ao encerramento do período de luto na comunidade e a inauguração de um instituto em homenagem à memória do chefe indígena. Essa cerimônia, conforme já mencionado, contou com a participação de povos de outras etnias indígenas, que se juntaram aos índios Parkatêjê para homenagear o antigo chefe. Tal celebração foi marcada pelo choro ritual e lamentações dos indígenas, memórias, discursos de agradecimento, danças e cantos, pinturas corporais, além da partilha de um berarubu<sup>5</sup> coletivo e atividades tradicionais, como a corrida de tora, corrida de varinha e jogos de arco e flecha.

Todas as etnias que estiveram na cerimônia de encerramento do luto pelo chefe Parkatêjê realizaram apresentações culturais em homenagem ao líder indígena que partiu. Cada povo apresentou cantos em sua língua tradicional e danças típicas de suas culturas como forma de agradecimento ao acolhimento e apoio que sempre receberam do chefe Krôhokrenhũm.

Entre os povos presentes, os Guarani chamaram atenção por meio de sua apresentação, que se diferenciou das outras, pois, além de cantarem e dançarem, essa etnia realizou uma espécie de manifestação em prol de questões indígenas. Tal ato foi marcado pelo desfile dos indígenas carregando variados cartazes, contendo diferentes enunciados, reivindicando direitos relacionados à

---

<sup>5</sup> O berarubu ou kuputi é um bolo de massa que pode ser recheado com vários tipos de carne de caça, tais como carne de jabuti, veado, anta etc. A massa de mandioca já recheada é embrulhada em folhas de bananeira e assada em uma espécie de forno de pedras que posteriormente é enterrado com areia e palha. O berarubu coletivo da cerimônia de encerramento do luto foi feito com carne de veado e anta e compartilhado com todos que estavam presentes na ocasião.

educação, à saúde, ao fortalecimento da cultura, à infraestrutura básica, à demarcação de territórios, à parceria entre os povos e ao combate ao preconceito contra os indígenas.

É importante ressaltar que na celebração do fim do luto do chefe Parkatêjê, estiveram presentes também autoridades políticas locais, pesquisadores de instituições de ensino superior, imprensa, estudantes de escolas locais, visitantes kupê<sup>6</sup> que foram convidados a prestigiar o evento cultural. Esse cenário composto por diversos sujeitos propiciou emergir a prática discursiva da manifestação, como forma de chamar a atenção para diversas causas indígenas.

Partindo disso, observamos que o contexto de ocorrência da prática da cerimônia de encerramento de luto oportunizou outra prática discursiva, a reivindicação por direitos. Desse modo, alguns questionamentos podem ser suscitados: Qual a relação entre essas duas práticas? O que justifica a adoção de uma dessas práticas no momento em que outra prática mais tradicional se realiza? A quem se dirige ambas as práticas?

No que tange ao primeiro questionamento, verificamos que, apesar da aparente falta de relação entre uma prática mais tradicional, como a cerimônia de encerramento de luto, com uma manifestação por direitos, essa se fez necessária, se fez presente na referida cerimônia pelo fato de existir uma história e memória dos povos indígenas marcadas por lutas por direitos, pelo respeito e preservação de sua cultura, por melhorias e condições dignas de sobrevivência.

Podemos observar que a prática da cerimônia de encerramento de luto apresenta um caráter endógeno, enquanto a prática da reivindicação por direitos sinaliza um caráter exógeno. A primeira é uma prática própria da comunidade indígena e caracteriza-se de forma diferente da prática de luto da comunidade hegemônica. O luto entre os indígenas é manifestado coletivamente, uma vez que não é apenas uma pessoa que entra em luto, mas sim toda a comunidade. Do mesmo modo a saída do luto é comemorada coletivamente, por meio de uma grande cerimônia tradicional. Por outro lado, entre os não indígenas o luto é pessoal e individual.

Já a segunda prática, que se insere no interior da primeira, é uma prática considerada exógena pelo fato de trazer traços comuns a comunidade hegemônica, sendo assim uma prática que pode ser realizada pelas duas comunidades. Inclusive, no protesto do povo Guarani é possível observar o uso de recursos e a realização de uma performance muito semelhante as utilizadas em nossas práticas de reivindicação, tais como: o empunhar de cartazes e a apropriação das circunstâncias que favorecem a realização do ato de protesto gerando visibilidade a ele.

Diante desse contexto, evidenciamos que a adoção da prática da manifestação dentro de uma prática tradicional é justificada em virtude dos fatores que propiciam o ato de protesto, tal como a

---

<sup>6</sup> Nome dado aos não índios.



presença de diferentes sujeitos envolvidos na cerimônia de encerramento de luto que favoreceu, conforme mencionado anteriormente, uma maior visibilidade a este ato. Tais fatos respondem ao segundo questionamento.

Por fim, com relação a última indagação, evidenciamos que ambas as práticas se dirigiam tanto aos indígenas pertencentes às diferentes etnias presentes na cerimônia quanto aos convidados externos que foram chamados a participar e prestigiar o evento.

À vista disso, evidenciamos que as práticas discursivas implicadas neste trabalho se encaminham a diferentes comunidades discursivas, são elas: indígenas e não indígenas, cujos membros compõem a cena enunciativa. Desse modo, segundo Maingueneau (1997, p. 56), as comunidades discursivas são grupos que “existem unicamente por e na enunciação [...]”.

Na próxima seção analisaremos os enunciados dos sete cartazes que compõem a cena de enunciação do protesto indígena.

#### 4. CENA DE ENUNCIÇÃO: ANÁLISE DE CARTAZES DE PROTESTO DO POVO GUARANI

Conforme mencionado anteriormente, pretendemos neste trabalho, além de refletir sobre como as práticas discursivas da cerimônia de encerramento de luto e do protesto indígena se relacionam e se materializam no contexto apresentado, também buscamos dar ênfase aos diferentes enunciados que são assumidos pelos índios Guarani na reivindicação por direitos dos povos indígenas durante a referida manifestação. Tais enunciados estavam veiculados em sete cartazes que serão abordados a seguir à luz do conceito de cena de enunciação discutido por Maingueneau (2015).

**Imagem 1 – Prática discursiva do protesto dos índios Guarani**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2017)

Na imagem 1 acima, verificamos os índios Guarani reunidos no momento de sua homenagem ao chefe Parkatêjê falecido. Nesta ocasião, estes indígenas reivindicaram por direitos

por meio da exposição de cartazes contendo os seguintes enunciados: “*Mais parcerias entre os povos indígenas*”, “*Pelo fortalecimento da cultura dos povos indígenas*”, “*Pela garantia dos direitos indígenas!*”, “*Infraestrutura básica para os povos indígenas*”, “*Não ao preconceito contra os povos indígenas!*”, “*Educação e saúde indígena de qualidade!*” e “*Demarcação já!*”.

Notamos que os índios Gurani reunidos ocupam um lugar no seio da cerimônia indígena de encerramento de luto, no entanto, quando os referidos sujeitos reivindicam por direitos durante este evento tradicional, percebemos um outro lugar ser constituído, sendo este um lugar que vai recuperar uma memória discursiva marcada por acontecimentos sócio-histórico-culturais, os quais revelam a trajetória de luta dos povos indígenas. Acerca da memória discursiva, Fernandes (2008) afirma que:

os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção (FERNANDES , 2008, p. 49).

A cena de enunciação identificada no ato do protesto dos índios Guarani faz interagir as três cenas evidenciadas por Maingueneau (2015): a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante na qual se desenvolve o protesto realizado por meio dos cartazes com os enunciados voltados a melhorias para os povos indígenas pode ser relacionada ao tipo de discurso político, sendo assim considerada uma cena englobante política. De acordo com Maingueneau (2015, p. 119), esse tipo de cena englobante “implica uma relação entre um ‘cidadão’ dirigindo-se a ‘cidadãos’ sobre temas de interesse coletivo”. Notamos então a realização de uma prática política e social dentro de uma prática tradicional, de forma que o ato da reivindicação por direitos atingiu a todos os participantes da cerimônia tradicional, sejam eles indígenas ou não indígenas.

Desse modo, quando os enunciadores indígenas se posicionam diante de diferentes grupos da sociedade, entre eles os próprios indígenas, autoridades políticas locais, imprensa, pesquisadores, etc, pedindo em favor da comunidade discursiva da qual fazem parte, eles estão marcando uma posição política e social.

Destacamos em primeiro lugar a cena englobante a fim de situar o recorte em que a cena de enunciação em foco neste estudo está inserida. No entanto, faz-se necessário a realização de um recorte mais específico que remete à realidade palpável e imediata dos usuários do discurso, isto é, materializada pelos gêneros do discurso.

No protesto realizado pelos índios Guarani durante a cerimônia de encerramento de luto pelo antigo chefe Parkatêjê identificamos que a cena genérica se constitui a partir do gênero discursivo cartaz de protesto. Este gênero se caracteriza como uma prática relevante, uma vez que recupera uma memória que reflete um momento histórico-político e ideológico.

Mainueneau (2015, p. 120-122) destaca que os gêneros que compõe a cena genérica estão associados às seguintes propriedades:

1. uma ou mais finalidades que os locutores sejam capazes de à atividade da qual participam, para poder regular sua estratégias de produção e de interpretação dos enunciados;
2. papéis para os parceiros em um gênero de discurso, de modo que a cada um desses papéis sejam atribuídos direitos e deveres, bem como competências específicas;
3. um lugar apropriado para o sucesso do gênero, que pode se tratar de um lugar fisicamente descritível ou espaços de outros tipos;
4. um modo de inscrição na temporalidade, em que as enunciações podem se dar de maneira periódica ou singular, com duração previsível, contínua ou com prazo de validade;
5. um suporte em que um “texto” não é um conteúdo que tomaria emprestado de maneira contingente algum suporte, mas sim algo indissociável de seu modo de existência material;
6. uma composição que permita o domínio das partes que compõem o gênero do discurso e de seu modo de encadeamento;
7. um uso específico de recursos linguísticos de acordo com o objetivo do texto produzido naquele gênero do discurso.

Diante disso, identificamos entre as principais características do gênero cartaz de protesto o fato deste chamar a atenção para um causa, reivindicação, descontentamento etc., demonstrando a finalidade de produção do gênero. É necessário ainda que o gênero seja veiculado em um lugar apropriado para o seu sucesso, isto é, um lugar que gere visibilidade para quem reivindica, uma vez que os interlocutores envolvidos na manifestação não recebem os enunciados em mãos, mais sim os leem através dos meios de comunicação ou quando testemunham o protesto diretamente.

Ademais, o gênero cartaz de protesto tem como suporte o cartaz que normalmente é produzido em cartolinas, com letras grandes que chamam a atenção dos interlocutores. Observa-se que na maioria das vezes o texto é constituído por meio de palavras de ordem, recomendações, frases de efeito, convite e com o uso de verbos no imperativo. Os textos dos cartazes apresentam uma sequência textual argumentativa e persuasiva que tenta convencer o outro a aderir e apoiar a causa manifestada.

O protesto realizado pelos índios Guarani no contexto da cerimônia de encerramento de luto Parkatêjê materializa como cena genérica o empunhar dos cartazes de protesto pelos indígenas (Imagem 2). É importante destacar que apesar do gênero cartaz de protesto não ser algo típico de sociedades indígenas, o contato com a sociedade envolvente possibilitou que os índios se apropriassem do referido gênero, uma vez que ele serve ao propósito comunicativo da reivindicação por direitos.

**Imagem 2 – Cartaz “A”**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2017)

Na imagem 2 acima podemos observar como o gênero cartaz de protesto foi mobilizado pelos indígenas de modo a respeitar as principais características do referido gênero, tais como ter o enunciado escrito em cartolina com letras grandes, frase no imperativo, além do uso de uma frase de efeito amplamente difundida em diversos meios de comunicação para reivindicar uma das principais demandas dos povos indígenas, a demarcação de terras.

Com relação à cenografia, conforme já dito com base em Maingueneau (2015), o ato da enunciação não apenas ativa as normas de uma instituição de fala prévia, mas sim constrói uma encenação singular da enunciação que é a cenografia. A cenografia, portanto, constitui parâmetros particulares na configuração dos textos, ela confronta os parâmetros enunciativos considerados como referência com os parâmetros regulares que ocorrem no aqui e agora, no real.

Nessa perspectiva, percebemos que o ato de protesto realizado pelos índios Guarani durante a cerimônia de encerramento de luto pelo antigo chefe Parkatêjê configura uma cenografia, uma vez que houve a encenação de um protesto por direitos no contexto de uma prática tradicional que ofereceu condições para a realização dessa cena de enunciação. Os indígenas, ao enunciar seus posicionamentos no contexto apresentado, mostram que apesar da prática discursiva da manifestação por meio de cartazes não fazer parte de sua cultura tradicional, está pode ser legitimada pela enunciação que remete a uma memória coletiva constituída na relação histórica entre o indígena e o não indígena.

Conforme Maingueneau (2008b, p. 117), “a escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de sua cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima”. A utilização do gênero cartaz de protesto nesta cenografia também não se dá de forma aleatória, uma vez que este é um gênero discursivo que “têm necessidade de se impor contra outros pontos de vista e de provocar uma adesão que está longe de ser dada” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 117).

Desse modo, a escolha da cenografia se dá a partir de propósitos bem definidos, tendo em vista que o discurso se constituiu por meio dela, a fim de conquistar a aceitação do outro aos objetivos da comunidade discursiva que legitima a cena de enunciação, conforme podemos verificar nas imagens 3 e 4, a seguir:

**Imagem 3 – Cartaz “B”**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2017)

**Imagem 4 – Cartaz “C”**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2017)

Ao expor os cartazes acima com os enunciados “*Não ao preconceito contra os povos indígenas!*” e “*Pela garantia dos direitos indígenas!*”, os índios Guarani destinam tais enunciados aos interlocutores não indígenas, presentes no evento, com o objetivo de persuadir tais destinatários a respeito do combate ao preconceito aos indígenas e da garantia dos direitos desses povos minoritários, uma vez que a relação entre indígenas e não indígenas é marcada historicamente pelo preconceito e desrespeito aos direitos das comunidades étnicas. Dessa forma, o Eu indígena “se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz e em relação a seu co-enunciador” (MAINGUENEAU, 2001, p. 55).

O mesmo ocorre com relação aos enunciados “*Infraestrutura básica para os povos indígenas*”, “*Pelo fortalecimento da cultura dos povos indígenas*” e “*Educação e saúde indígena de qualidade!*” destacados nas imagens 5, 6 e 7, abaixo. Tais enunciados também são destinados aos interlocutores não indígenas com o intuito de relembrar a história de abandono vivida pelas sociedades indígenas, bem como a desvalorização de sua cultura e modo de vida.

**Imagem 5 – Cartaz “D”**

**Imagem 6 – Cartaz “E”**

**Imagem 7 – Cartaz “F”**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2017)

Por fim, destacamos o enunciado “*Mais parcerias entre os povos indígenas em busca de melhorias*” demonstrado na imagem 8 abaixo:

**Imagem 08 – Cartaz “G”**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2017)

Este enunciado, ao contrário dos demais, apresenta como interlocutor o próprio Eu indígena, de modo que este vem a ser ao mesmo tempo enunciador e destinatário (co-enunciador) da enunciação. O pedido por mais parcerias entre os povos remete a uma memória histórica relacionada à fragmentação pelo qual os povos indígenas passaram ao longo do tempo, fato que resultou em uma fragilidade na luta em busca de direitos e melhorias para estes povos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou refletir sobre a relação entre as práticas discursivas da cerimônia de encerramento do luto Parkatêjê e o protesto indígena do povo Guarani, bem como descrever e analisar a cena de enunciação constituída neste último ato. Para isso, contamos, principalmente, com o aporte teórico fornecido pelos estudos de Maingueneau (1997; 2001; 2008a; 2008b; 2015).

Com relação às práticas discursivas em evidência neste estudo verificamos a presença de sujeitos de duas comunidades discursivas, a saber: indígenas e não indígenas. O envolvimento dessas duas comunidades discursivas, no contexto da cerimônia de encerramento de luto Parkatêjê, oportunizou a realização da prática discursiva da reivindicação por direitos.

Notamos que a emergência de uma prática não tradicional no seio de uma cerimônia cultural indígena se fez necessária em virtude da memória sócio-histórica-ideológica marcada pelas lutas dos povos indígenas por melhorias frente à sociedade majoritária. A adoção do protesto por direitos na cerimônia de encerramento de luto pode ser justificada em decorrência da visibilidade que esse evento possibilitou. Além disso, tal ato não se configurou como uma simples reprodução de uma prática típica do não índio, mas sim como algo que indica o estreitamento da relação entre a comunidade indígena e a comunidade hegemônica.

Dessa forma, a cerimônia tradicional Parkatêjê se transformou em um momento de enunciação que veiculou as práticas discursivas com a história do desrespeito e a reafirmação dos direitos dos povos indígenas.

No que tange à análise dos enunciados veiculados nos sete cartazes que compuseram a cena de enunciação do protesto dos índios Guarani, identificamos a manifestação das três cenas propostas por Maingueneau: cena englobante, cena genérica e cenografia.

Com base na descrição do contexto no qual a prática do protesto dos índios Guarani foi realizada, classificamos a cena englobante como uma cena relacionada ao tipo de discurso político, uma vez que os enunciados mobilizados se referiam a temas de interesse da comunidade discursiva que os legitimou diante dos interlocutores presentes.

No que diz respeito à cena genérica identificamos que essa se constituiu a partir do gênero discursivo cartaz de protesto. Tal gênero foi escolhido pelos manifestantes em virtude de suas características serem apropriadas ao propósito da reivindicação por direitos.

Por fim, verificamos que a cenografia foi representada pela encenação do protesto por direitos no interior de uma prática tradicional. Essa cenografia foi legitimada pela enunciação que recupera uma memória coletiva construída a partir da história de dominação sofrida pelas sociedades indígenas.

Com este artigo, pudemos evidenciar a contribuição dos estudos desenvolvidos à luz da Análise do Discurso para a reflexão de temas acerca dos povos indígenas e sua relação com a sociedade envolvente, tendo em vista que ainda existem poucos trabalhos que se debruçam nessa perspectiva. Portanto, vislumbramos colaborar para ampliação da discussão sobre as causas indígenas, que conforme demonstrado ao longo deste estudo, são historicamente negligenciadas.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FREITAS, E. C de. *Linguagem na atividade de trabalho: éthos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. V. 6, n. 2, p. 170-197, 2010. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/viewFile/1714/1131>. Acesso em: 10 jan. 2018.

JÕPAIPARE, T. K. *Me ikwý tekjê ri: isto pertence ao meu povo*. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Délcio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.